



# Pelo direito de brincar

Antes da pandemia, era possível ver as crianças brincando sem preocupação, agora o jeito é outro para a diversão continuar com segurança. **PÁGINAS 8 E 9**

**Conheça os protetores das áreas verdes na Maré e saiba como cuidar das plantas em casa.**

PÁGINAS 4 E 5

**Os desafios do ensino à distância na Maré durante a pandemia.**

PÁGINAS 6 E 7

**São 30 anos de direitos assegurados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Conheça a lei e quem tem o dever de defendê-la.**

PÁGINA 10 E 11

MATHEUS AFFONSO



## Dia dos professores

Duas irmãs e professoras da Maré fazem relato sobre as suas experiências em sala de aula e como elas se adaptaram para seguir lecionando durante a pandemia.

**PÁGINA 3**

## Conquista de acesso à água

A trajetória de luta das mulheres mareenses perpassa por diversas conquistas no território, entre elas o acesso e o abastecimento de água potável na Maré. Veja na reportagem do data\_labe.

**PÁGINAS 12 E 13**

KAMILA CAMILLO





# EDITORIAL

Vamos para o sétimo mês de pandemia no estado do Rio de Janeiro, oscilando em média móvel de mortes em alta, em estabilidade e em baixa. Estudos recentes desenvolvidos pela Universidade Federal Fluminense (UFF) apontam que o Brasil sai da primeira onda de contaminação em outubro e a partir de novembro entra em uma segunda onda, um pouco mais branda que a primeira, mas ainda assim bastante danosa para a população. Por mais que estejamos vivendo um período menos tenso, em comparação aos primeiros meses da pandemia, ainda é importante reforçar a necessidade de se cuidar, seja evitando aglomerações, respeitando o distanciamento e mantendo os hábitos de higiene adquiridos no início da pandemia.

Em setembro completamos um ano nesse modelo de distribuição, que acontece por meio de uma parceria do Maré de Notícias com o projeto Entre Bicos, do Espaço Normal. O projeto atende a população de rua e ex-usuários de drogas da região e através da distribuição do jornal, ajuda a gerar renda a essas pessoas.

Vamos para o nosso segundo mês de distribuição após a pausa provocada pela pandemia e ficamos muito felizes por estar de volta, tanto equipe da redação quanto da distribuição. Todos os distribuidores foram testados para covid-19 e deram negativo, tanto no início quanto ao fim da distribuição. Mesmo com luvas e máscaras, é ótimo estar circulando no território novamente, com todos os cuidados necessários para podermos saber o que os moradores e moradoras da Maré querem ler no nosso jornal. Pedimos a colaboração de todas as pessoas que nos lêem: além de compartilhar as matérias, mandem mensagens com demandas e sugestões de pautas para as nossas redes.

## O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

 (21) 97271-9410

## MARÉ DE NOTÍCIAS DE VOLTA ÀS RUAS



Nada melhor que começar o mês lendo a nova edição do Jornal Maré de Notícias, não é mesmo? Após cinco edições apenas em formato digital, em setembro nos reencontramos com os nossos distribuidores e o nosso jornal voltou a circular pelas ruas da Maré. Esse registro foi feito pelo Arthur Viana, morador da Maré e um dos distribuidores do jornal.

ENVIE SUA POESIA,  
FOTO, RECEITA  
OU PIADA. ESTE  
ESPAÇO É SEU!

contato@maredenoticias.com.br

### EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da **maré**

R. Sargento Silva Nunes, 1012  
Nova Holanda - Maré  
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242  
Telefones: (21) 3105-5531 / 3104.3276  
www.redesdamare.org.br  
www.maredenoticias.com.br  
contato@maredenoticias.com.br

PARCERIA:

**actionaid**

#### DIRETORIA:

Alberto Aleixo  
Andréia Martins  
Eliana Sousa Silva  
Edson Diniz  
Helena Edir

#### COORDENADORA DE PROJETO:

Daniele Moura

#### APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré  
Observatório de Favelas  
Conexão G  
Luta pela Paz  
Vida Real  
Espaço Normal

#### EDITORA EXECUTIVA E JORNALISTA RESPONSÁVEL

Daniele Moura

(Mtb 24422/RJ)

#### EDITORA

Andressa Cabral

#### COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Hélio Euclides  
(Mtb 29919/RJ)  
Thaís Cavalcante  
(Mtb 35270/RJ)

#### FOTOGRAFIA

Douglas Lopes  
Matheus Affonso

#### REVISÃO

Gabinete do Texto

#### PROJETO GRÁFICO

Mórlula\_Oficina de ideias

#### DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

#### IMPRESSÃO

Parque Gráfico do O Globo

#### TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

### GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, pelas redes sociais (@maredenoticias) ou ainda por e-mail contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!



# Professoras que tem como lema o amor à profissão

Irmãs e professoras, Adriana e Monica relatam suas experiências no contexto atual

Outubro é marcado pelo Dia dos Professores (15), uma data que não é apenas de comemoração, mas de luta. Para falar dos desafios e expectativas, o Maré de Notícias convidou duas irmãs, Adriana Bezerra e Monica Bezerra, que lecionam na Escola Municipal Professor Paulo Freire, na Vila dos Pinheiros. As duas utilizam o Maré de Notícias em sala de aula.



## Adriana Bezerra do Nascimento Pinheiro

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com Especialização em Alfabetização, Leitura e Escrita pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## Ser professora nos tempos atuais

Infelizmente não somos valorizados como a educação merece e vivemos um momento político onde nossa conduta é tida como algo a temer. Como afirmou Paulo Freire, “ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção”. Dessa forma, tudo que fazemos em nossas salas de aula é ensinar nossos alunos a pensar, a criar, a arriscar, porque é assim que a aprendizagem acontece.

Somente quem está dentro de uma sala de aula sabe da real necessidade pela qual passamos com a falta de recursos e investimentos, mas isso nunca foi motivo para deixarmos de realizar nosso trabalho da melhor forma possível. Não conheço outra profissão que invista tantos recursos próprios, como fazemos tantas vezes. Nós

MATHEUS AFFONSO



Adriana (E) e Monica (D) trabalham na Escola Municipal Professor Paulo Freire e têm encarado o desafio das aulas on-line

nos envolvemos com nossos alunos inevitavelmente, pois não conseguimos seguir em nossas aulas sem considerar se nossos alunos dormiram bem ou se estão alimentados.

Diante de toda realidade, desanimar nunca fez parte. Sabemos que há um “grupinho” ali que nos aguarda diariamente, e seguimos acreditando no que é possível e não, no que gostaríamos de fazer. Não me vejo em outro tipo de trabalho, pois não tem alegria maior que ver um aluno aprendendo e se desenvolvendo. Melhor ainda é receber a visita de ex-alunos para contar sobre suas vidas e dizer que ainda guarda boas lembranças. Isso não tem preço!



## Monica Bezerra Dantas da Silva

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Pós-Graduada em Alfabetização, Leitura e Escrita pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## Os professores na pandemia

Ficar sem o contato presencial dos alunos tem sido a pior coisa que me aconteceu nos últimos tempos. A necessidade de me reinventar a cada dia e superar minhas próprias limitações e incertezas, para motivar meus alunos, é um grande desafio diariamente. O cuidado com minha família e a sobrecarga de trabalho é algo que a pessoa que está de fora nem imagina.

Não imaginava a dificuldade de produzir e editar um vídeo. Nem as dificuldades para baixar os vídeos enviados. É ainda mais difícil participar on-line, pois a maioria acessa as aulas por celular. Muitos usam os aparelhos de seus responsáveis. Alguns responsáveis só podem emprestar o celular para os filhos à noite. Infelizmente, apesar de todo o esforço, uma parte da turma não tem acesso às aulas remotas, por não terem as ferramentas necessárias para tal. Saber desta realidade também é um obstáculo a ser enfrentado para não desanimar.

Vivendo esta nova realidade, a comunicação com os alunos me possibilita pensar alternativas, para, juntos, construirmos algo que possa envolver-nos emocionalmente na superação dos desafios destes tempos de pandemia. Sabendo que não conseguirei contato com todos, e que não existe um processo de educação neutra, a dedicação permanece da melhor forma possível. Estou certa de estar longe do ideal, mas continuo comprometida com o vínculo de amor e amizade para com os alunos.

Nestes novos tempos, recorrer ao nosso patrono Paulo Freire é a melhor forma de lembrar que educação se faz com muita dedicação, num processo de ensinar aprendendo e aprender ensinando. “Somente na comunicação, tem sentido a vida humana [...] o pensar do educador somente ganha autenticidade na autenticidade do pensar dos educandos, mediatizados ambos pela realidade [...]” Freire, 1987.



# O meio ambiente pede socorro

Com queimadas pelo país, moradores ensinam como cuidar do que ainda temos de verde



MATHEUS AFFONSO

Muitos moradores da Maré têm plantas em casa, como Raimunda Santos, que vende algumas mudas em sua casa, na Nova Holanda

HÉLIO EUCLIDES

O meio ambiente nunca sofreu tanto como nos últimos 2 anos, mas, foi em 2020, que ele levou “socos cruzados”, daqueles que deixam sequelas. Na cidade do Rio de Janeiro, logo no início do ano, o que parecia geosmina - composto orgânico encontrado no solo - era poluição industrial nas águas do Rio Guandu, o que fez com que os cariocas ficassem sem água potável em casa. Em agosto, começaram as queimadas, que destruíram mais 3 milhões de hectares, cerca de 21% da área do Pantanal. Recorde absoluto na história deste bioma, que é o mais úmido do planeta. E, no mês em que iniciamos a primavera, e se comemora o Dia da Árvore (22 e 21 de setembro, respectivamente), o Brasil arde em chamas na Amazônia, no Cerrado, na Região Serrana do Rio de Janeiro e no Pantanal - que ainda não teve o fogo controlado até

o fechamento do jornal.

Diante do cenário trágico, pequenas atitudes de preservação ambiental ganham outra dimensão. Na Maré, moradores lutam pela preservação de espaços verdes. Ao longo dos 20 anos, como supervisor na Vila Olímpica da Maré, **Pablo Ronaldo Oliveira** sempre teve muito carinho pelas árvores do local. E não é à toa, o projeto original paisagístico da Vila Olímpica foi feito pelo paisagista Burle Marx. “O ex-diretor do espaço, José Fantine, me incentivou a continuar o paisagismo, então, começamos a pegar mudas com moradores e também compramos algumas. A Maré, devido às construções habitacionais, foi perdendo o seu verde. Hoje temos, como grande referência na Maré, a Vila Olímpica e o Parque Ecológico, na Vila dos Pinheiros”, afirma Pablo.

Outros moradores preservam o verde dentro

de suas casas. **Marineide Felix**, conhecida como Dona Neide, tem cerca de 20 vasos na frente da casa onde mora na Baixa do Sapateiro, uma das 16 favelas da Maré. “Gosto de plantas desde minha infância, esse amor foi passado de meus pais para os filhos. Com a pandemia, tive mais tempo para cuidar das plantas, o que foi bom. Se tivesse espaço, teria mais vasos, pois cuidar da natureza traz um bem-estar para todos, não nos deixa deprimida, contribui com a diminuição da poluição e causa mais sombra nas ruas”, revela a entusiasmada dona de casa.

Há doze anos, **Raimunda Sousa**, comerciante da Nova Holanda, outra favela da Maré, ganha a vida vendendo plantas, mas confessa que sua maior conquista foi acabar com o lixo na porta de sua loja. “Comecei a plantar tudo que eu tinha em casa. Depois outras pes-

soas começaram a querer plantas, então comecei a vender. As pessoas ainda não dão tanta importância à natureza, por isso gostaria de poder ensinar às pessoas a gostar e cuidar das plantas”, comenta a comerciante que, apesar de sempre ter gostado da natureza, foi após uma depressão que o amor se revelou com mais força.

## Dicas para um cuidado com as plantas:

Para cuidar das plantas é preciso ter um solo saudável, com reposição de matéria orgânica, reintroduzindo nutrientes através de adubo ou composto. Cobrir o solo com uma camada de matéria morta, como grama seca ou folha seca ou ainda serragem protege e mantém a umidade. Outra dica é regar sempre em horário em que o sol não esteja forte, somadas a podas periódicas. As plantas precisam de adaptação às condições do clima e à iluminação. Há plantas que requerem mais luz e outras que preferem meia sombra.

O biólogo **Jorge Tonnera Junior** lembra que a reposição de matéria orgânica no solo pode ser feita através de fertilizantes, produzidos dentro de casa, por meio da compostagem de talos, folhas ou cascas de frutas, legumes, casca de ovos e bora de café. A maioria das plantas precisa receber água todo dia. Mas não é bom encharcar a terra. É preferível regar a terra, nem toda planta suporta que suas folhas sejam



molhadas. “É preciso sensibilidade e atenção para perceber como as plantas respondem”, conta. O biólogo informa que as próprias folhas mostram como a planta está: se saudável, se necessita de água, nutrientes ou se não está tolerando o clima ou a luz.

## Árvores morrem por podas

**Sérgio Ricardo**, ambientalista e coordenador do Movimento Baía Viva, afirma que, em média, recebe três reclamações semanais de podas assassinas - cortes que são feitos sem estudo prévio, podendo causar a morte das árvores. “Acredito que o déficit de arborização seja de 21 milhões de árvores, por ter em média a perda de 200 mil unidades por ano. Deixamos de ter uma cidade de sustentabilidade. Com mais concreto, passamos a perceber uma cidade mais quente, com ilhas de calor. É preciso amenizar as condições climáticas com arborização”, diz ele. Acrescenta que a poda assassina virou um padrão de política pública por parte da Comlurb, mas que a **Light** também faz as podas indevidas.

A insegurança também agrava a situação, pois, para que as ruas não fiquem escuras, é feita a poda como uma solução equivocada. Para o ambientalista, o que não faltam são equívocos dos governos na questão ambiental. “O Plano Diretor de Arborização Urbana é maravilhoso, mas não saiu do papel. Aqui na cidade do Rio de Janeiro, estamos passando pela farrá do boi, com a construção do autódromo, que



Pablo Oliveira em momento de cuidado das plantas da Vila Olímpica, cujo projeto paisagístico é de Burle Marx

vai causar a devastação de uma Floresta, que é a do Camboatá”.

A assessoria de Imprensa da Light informou que apenas realiza a poda dos galhos que estão em contato com a rede elétrica da empresa. E que os demais serviços de podas de árvores, remoção de árvore ou poda completa são de responsabilidade da Prefeitura do Rio.

A **Fundação Parques e Jardins** diz que está trabalhando em conjunto com a Comlurb para fazer o inventário arbóreo da cidade, que tem em torno de um milhão de árvores. Confirmou que a cidade ideal teria todas as vias totalmente arborizadas, porém isso não demanda somente plantio, mas também infraestrutura urbana. Sobre a Maré, informou que no momento não tem nenhum projeto específico para o território.

## Florestas viram cinzas após incêndios

Na comparação com o ano passado, a quantidade de incêndios nas florestas brasileiras subiu 10% em 2020. O Instituto

Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) registrou, na Amazônia, até o meio de setembro, 8% a mais de incêndio do que o mesmo período de 2019. A área desmatada na Amazônia pelo fogo foi de 1.359km<sup>2</sup> em agosto. O número é o segundo maior para o mês dos últimos cinco anos.

O fim do Fundo da Amazônia e a proibição do trabalho do Ibama podem ter influenciado este aumento. O ambientalista acredita que, com a dificuldade de o IBAMA trabalhar e sem a sua fiscalização, ficou mais fácil para grileiros e fazendeiros promoverem queimadas criminosas, para usar terras, antes, protegidas, no agronegócio: “O Governo Federal não tem uma política ambiental e de bioeconomia. O que está acontecendo

na Amazônia influencia o Sudeste, com relação ao regime de chuva e impacto no reabastecimento de água. O medo é a Amazônia passar por um estado de savanização, se transformando num cerrado”.

Apesar da alta nos registros de incêndios florestais, a previsão é de que os principais órgãos federais, que cuidam dos biomas do país, tenham menos orçamento em 2021. De acordo com o Projeto de Lei Orçamentária Anual (Ploa), para o ano que vem, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) podem ter um corte de R\$ 126,1 milhões nas suas verbas.

## VEJA ALGUMAS DICAS ESPECÍFICAS:



**Cebolinha, onze horas e coroa-de-cristo:** são plantas que gostam muito de sol, ou seja, não vão sobreviver em ambiente com pouca iluminação.

**Tomateiro:** embora goste de sol, aceita meia sombra.

**Tomilho:** uma planta que bebe bem água e não aguenta alguns dias sem rega.

**Coentro:** atraem joaninhas e essas se alimentam de pragas, como pulgões que adoecem couve e brócolis.



# Os desafios da educação à distância na Maré

Falta de internet ou de equipamento para acessar as aulas são alguns dos problemas relatados



MATHEUS LUIZ CHAGAS

A sala de aula deu lugar ao quarto: a professora Daniele Figueiredo tenta se adaptar à nova rotina

ELAINE LOPES E MATHEUS LUIZ CHAGAS

A substituição do ensino presencial pelo virtual tornou-se inevitável durante a pandemia da covid-19. Com o isolamento social, as escolas se viram obrigadas a adotar um novo modelo de ensino, mas não tem sido fácil.

Apesar de existirem vários dispositivos que possibilitem a participação na aula remota - celular, *notebook*, *tablet*, computadores -, nem todos possuem os aparelhos. E, para moradores de favelas, há outras dificuldades. A Maré é um dos maiores conjuntos de favelas da cidade do Rio, e, mesmo sendo

maior que 93% dos municípios brasileiros, apenas 42,4% dos 140 mil moradores têm computador, e 36,7% acessam a *internet*, segundo o Censo Maré, de 2013. Em outros bairros da região metropolitana da capital fluminense, 62,2% dos moradores têm computador, e a *internet* chega à casa de 56,1% desses cariocas, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD, de 2013. Difícil garantir ensino remoto universal nestas condições.

A moradora da Vila do João, uma das 16 favelas da Maré, **Ingrid Santos**,

é mãe de duas crianças: Manuella, de 8 anos, e João Marcos, de 5. Eles não conseguem assistir às aulas com frequência. "Tem ocasião que a *internet* fica dois, três dias sem funcionar, então, atrasa os exercícios, porque eles mandam pelo Facebook da escola diariamente", diz Ingrid. Com um único celular na casa, os estudantes precisam esperar que a mãe retorne do trabalho para verem as aulas. Além disso, Ingrid não se sente confortável em acompanhar a vida escolar dos filhos de perto, por ter abandonado a escola há muito tempo.

"Tem ocasião que a *internet* fica dois, três dias sem funcionar, então, atrasa os exercícios, porque eles mandam pelo Facebook da escola diariamente"

INGRID SANTOS

Outro problema é que muitos pais e alunos desconhecem as plataformas remotas por onde as aulas acontecem. Apesar de a Secretaria Municipal de Educação (SME) ter lançado um aplicativo durante a pandemia, como forma de manter o ensino à distância, poucos têm intimidade com esta tecnologia. A plataforma tem conteúdos direcionados da Educação Infantil à Educação de Jovens e Adultos e os alunos não têm gastos com o consumo de dados para conexão. Desde o lançamento do aplicativo, foram regis-

trados, pela Prefeitura, 6,1 milhões de acessos, número que aparenta ser alto, todavia, se relacionado com os 641.141 estudantes da rede municipal de ensino, pode ser pouco. Se pensarmos que os estudantes precisam estar conectados, pelo menos, quatro vezes na semana, nestes seis meses de pandemia, este número deveria ser, pelo menos, 10 vezes maior. Além do aplicativo, a Prefeitura utiliza também uma outra plataforma, contudo é necessária alguma intimidade com a tecnologia, e nenhuma formação foi oferecida nem para os pais nem para os alunos.

A moradora do Conjunto Esperança, na Maré, **Deuzilene Reis**, conhecida por Deusa, não sabia das plataformas oferecidas pela Prefeitura. Ao ser informada pelos repórteres, tentou entrar nas plataformas, mas não conseguiu. "Tenho muita dificuldade, meu esposo, que tem mais facilidade, perdeu um tempão e não conseguiu ativar o aplicativo". Difícil para ela e para o filho, Allan Reis Ribeiro, aluno do 6º ano da Escola Municipal Ruy Barbosa, localizada em Bonsucesso, bairro vizinho à Maré. Deusa relata, ainda, outra dificuldade. "Tem exercício que ele nunca viu, então, não sabe fazer". Para não deixar o filho sem ter o que fazer, ela oferece algumas atividades e indica aulas no YouTube.

No Brasil, 70% das casas das classes D e E não têm acesso à internet.

[www.4gparaestudar.org.br](http://www.4gparaestudar.org.br)

Campanha que ajudou cursos pré-vestibulares de todo país





ELAINE LOPES

A presença dos pais é importante em todas as modalidades da Educação e se torna imprescindível no ensino à distância. Contudo é uma realidade para poucos, sobretudo, para os que precisam trabalhar fora ou cuidar dos afazeres domésticos.

### Desafios do Vestibular na Maré

Semelhantemente ao que tem acontecido no Ensino Fundamental e na Alfabetização, a pandemia afetou também os estudos de muitos mareenses que vão prestar o Enem 2020. Ainda não há estudos que possam mostrar os impactos do ensino remoto nas favelas, porém, dados da PNAD Contínua, de 2019, feita pelo IBGE, informam que mais de 20% dos estudantes deixam as escolas em alguma etapa da Educação Básica no Brasil, e a tendência é que esse número aumente no contexto atual. Os dados apontam também que 71,1% das evasões são de jovens negros e pardos. Os motivos citados para o abandono dos estudos são diversos: jovens que precisam trabalhar, gravidez na adolescência e o próprio desalento.

A professora de história, **Daniele Figueiredo**, faz parte do Curso comunitário UniFavela, que, desde 2018, prepara jovens e adultos da Maré para o vestibular. Para a professora, as falhas do ensino à distância ocorrem porque não se leva em conta a realidade dos estudantes de baixa renda: “O ensino remoto é algo novo e, por isso, tem muitas falhas, tanto por parte dos governos quanto do sistema educacional, pois não estávamos preparados. Se, antes, era um caminho extenso para o estudante passar no vestibular, imagina agora? O governo não dá nenhuma assistência. Ele foge da realidade como é explícita pela própria campanha do Enem 2020”, diz a professora.

A estudante, **Luizy Reis**, prestará o Enem e, apesar da indecisão entre os cursos de História e Design, algo de que ela tem certeza é o sonho de entrar em uma universidade pública. Para isso, precisará de uma rotina de estudos bem organizada, mas está passando por dificuldades para planejar os estudos. O pré-vestibular comunitário onde estuda passou a transmitir aulas remotas, o que para ela tem sido difícil. “É muito diferente quando você tem uma rotina de estudo e do nada precisa se virar para compreender a matéria sozinha em casa”, conta. Mas ter acesso à *internet* em casa ajuda. “Sigo canais

que trazem resumos de matérias que vão cair no Enem, mas reconheço que nem todos têm esse privilégio de ter conexão em casa, graças a ela consegui manter essa rotina” comenta.

Enquanto Luizy, que estuda num curso comunitário, reconhece o privilégio de ter acesso a *internet*, **Leticia Fernandes**, moradora da Vila dos Pinheiros e estudante do Colégio Estadual Olga Benário, luta para conseguir o material didático. “As apostilas que seriam para ajudar na nossa preparação chegam atrasadas. Apenas recebi os materiais referentes ao 1º bimestre, mas já estamos no 3º. Me sinto despreparada em relação aos demais, por não possuir acesso os conteúdos”, lamenta.

Enquanto se discute o retorno às salas de aulas, pouco se fala em medidas para amenizar o impacto das falhas do ensino remoto. E não são poucos.



**Elaine de Moraes Lopes**, 41 anos, mareense desde os 5 anos e estudante de jornalismo na Faculdade Pinheiro Guimarães. Atua voluntariamente no projeto Bom Samaritano (AMEIBS).



**Matheus Luiz Chagas**, morador da Maré desde 1996 e estudante de Jornalismo na UNISUAM. É torcedor do Flamengo e apaixonado por música, cinema e museus. Produziu e atuou no curta-metragem “Dias de solidão, Tempos de Resiliência”.

## # COLABORA

Esse texto é uma iniciativa #Colabora nessa Maré de Notícias, parceria entre o Projeto #Colabora e o Maré de Notícias.

Ayla estudando com as apostilas impressas em casa

Para quem não consegue acesso às plataformas, a alternativa é utilizar as apostilas impressas nas escolas. No entanto, é necessário fazer um agendamento prévio na direção das instituições, ou aguardar a distribuição do material ser feita pela Associação de Moradores. A estudante **Ayla F. Sousa Macedo**, também aluna da Escola Municipal Ruy Barbosa, optou pelas apostilas, contudo teve que imprimir em casa porque não sabia que o material era disponibilizado. A mãe, Poliana Sousa, mesmo tendo impresso os conteúdos pedagógicos para filha, preferia que as aulas fossem remotas, o que, segundo ela, facilitaria a rotina escolar. A escolha de Poliana só é possível porque ela tem boa conexão de *internet* em vários dispositivos disponíveis, uma exceção na Maré.

Localizado também na Maré, na Vila do Pinheiro, o CIEP Ministro Gustavo Capanema oferece aulas pelo Facebook para os alunos do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos. “Estamos fazendo postagens para a comunidade escolar na página do Facebook da escola e apoiando nossos alunos e responsáveis sobre qualquer dúvida que eles tenham”, diz **Gisleide Gonçalves**, diretora da escola desde 2016. Porém, mesmo estando em uma plataforma mais popular, a adesão é baixa nos acessos: 22% dos alunos do Ensino Fundamental e apenas 3% dos alunos do PEJA. A diretora atribui o problema à falta de acesso à *internet*.



# Alternativas para brincar na pandemia

Na Nova Maré, crianças revelam criatividade para brincar e manter ciclos sociais

PÂMELA CARVALHO

“A gente sente falta do banho de piscina!” O desabafo de **Luiz Felipe da Silva**, de sete anos, exemplifica um dos efeitos da pandemia na Maré. A necessidade do isolamento social impediu que milhares de crianças e adolescentes usufruam plenamente de seu principal espaço de convívio: a rua. Sem poder brincar em grupo nem frequentar espaços de lazer e cultura, como a Lona da Maré e a Vila Olímpica, os pequenos reinventam, há mais de seis meses, formas de garantir sua diversão em tempos tão difíceis.

A Vila Olímpica da Maré e a Lona Cultural Municipal Herbert Vianna são os únicos equipamentos públicos de lazer na favela. Na Lona, os banhos de piscina e mangueira refrescavam os dias quentes, e, na Vila Olímpica, a piscina era utilizada para atividades como hidroginástica, natação e banho livre aos



Banhos de piscina e mangueira eram algumas das atividades que agitavam os dias quentes na Lona da Maré antes da pandemia finais de semana. Com a pandemia, tudo parou.

A falta de incentivo público em espaços para lazer, esporte e cultura é um problema histórico e fez com que a população criasse suas próprias alternativas. As piscinas de plástico, instaladas nas ruas são uma delas. A prática que reúne vizinhos de todas as idades já foi alvo de fake news pela impren-

sa tradicional, numa publicação que associava a aquisição das piscinas ao comércio ilegal de drogas.

Enquanto os banhos de piscina são possíveis, apenas, de forma privada nas lajes, quintais ou ruas, crianças, como Luiz Felipe, criam outras opções de lazer. Junto à linha e ao papel, máscara e álcool em gel se tornaram indispensáveis para brin-

cadeiras como “garrafão”, “pique-esconde” e soltar pipa. Jogos que não exigem muito contato também ganharam preferência. Adolescentes, como Eduardo Melo dos Santos, improvisam mesas de ping pong, com tábua e cabo de vassouras, para evitar o contato físico e seguir as medidas de proteção.

“Eu queria voltar pra escola”

Não foi apenas o fechamento dos espaços culturais que prejudicou o lazer das crianças da Nova Maré, uma das 16 favelas mareenses. **Eloá Cristina da Silva** conta que uma de suas brincadeiras favoritas é criar formas e objetos com massa de modelar, porém a estudante de sete anos tem acesso ao material somente na escola. “Eu queria voltar pra escola pra ver meus amigos e poder brincar, mas ainda tem o corona, né...”, desabafa. Assim como todas as unidades da rede pública de educação do Rio de



De máscara e ainda sem poder aglomerar com seus amigos, Luiz Felipe vai à Lona para brincar, criando um papagaio de papel





PÂMELA CARVALHO

espaços de lazer disponíveis, restou a **Jamily Vitória da Silva**, de oito anos, brincar mais em casa. Desenho, recursos audiovisuais, como TV e vídeos no celular, têm ajudado a divertir a quarentena. Mas conter os pequenos em casa não tem sido tarefa fácil. Enquanto Carlos Henrique da Silva, de quatro anos, experimenta um formato de corrida baseado em “pular do sofá para o chão”, sua mãe Hamana Gerônimo e sua tia Rhayane Silva se desdobram com a organização e manutenção da casa.

Frequentadora assídua da Lona da Maré, **Luciana Chaves** também adaptou suas principais atividades de lazer para o ambiente doméstico. A jovem de 21 anos tem revisitado brincadeiras com baralho e jogos que estimulam o raciocínio lógico. “O baralho é bom porque ajuda a pensar e a passar o tempo.”

**“Meu squad no Free Fire é meu squad no futebol”**

Num período de poucos recursos, a criatividade fala ainda mais alto. Foi assim que Eduardo Melo dos Santos criou uma estratégia para estar perto dos amigos, ainda que à distância. Dudu, como é conhecido, recruta o mesmo grupo de amigos (o *squad*, o bonde), com quem costumava jogar futebol na rua onde moram ou na Vila Olímpica da Maré, para jogar *Free Fire*, um jogo de ação e aventura muito consumido por essa faixa etária.

**Moisés Miguel Silva** e **Kauã da Silva Santos**, ambos de 16 anos, também recorrem ao celular. Eles têm participado de partidas virtuais e con-

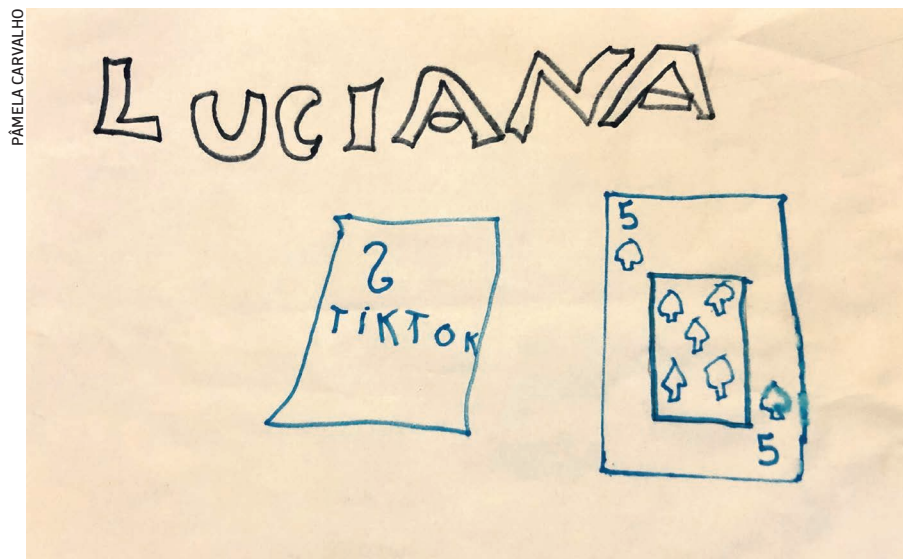


Ilustração de Luciana Chaves, sobre suas principais atividades de lazer durante a pandemia

sumido vídeos e tutoriais para se aperfeiçoarem nos jogos. Porém, a *internet* na Nova Maré não ajuda. Sinal fraco, pouca área de cobertura e pacotes de dados restritos diminuem as possibilidades de lazer virtual. Para driblar as dificuldades de conexão, os jovens dividem a *internet*, pedem a senha do *wi-fi* de vizinhos, comércios locais e espaços de uso coletivo.

Em seus estudos sobre brincadeiras afro-brasileiras tradicionais, o pesquisador e filósofo, Renato Nogueira, afirma que, em aldeias indígenas, quilombos e outros povoados tradicionais no Brasil e no mundo, a brincadeira é vista como formadora do ser social. A identidade é construída pelo espaço coletivo, que alimen-

ta o brincar e vice-versa. E é isso o que se percebe na favela, onde o provérbio hauçá, “para educar uma criança, todo o povo é preciso” é praticado no cotidiano. Na Nova Maré, as crianças e suas famílias têm se empenhado no processo de educar coletivamente através das brincadeiras, sobretudo, em tempos adversos. Falta ao poder público se inspirar nesta inventividade e também buscar a garantia desse direito.

<sup>1</sup> Hauçá ou hauça é uma das principais línguas africanas, falada pelos hauçás, populações da África ocidental, situados, principalmente, no norte da Nigéria e no sudeste do Níger.

## ÉNOIS

Essa reportagem foi produzida com o apoio da **Énois Laboratório de Jornalismo**, por meio do projeto Jornalismo e Território.



Os jogos eletrônicos, como o *Free Fire*, viraram a distração de Moisés e Kauã

Janeiro, as 44 escolas da Maré estão fechadas desde o dia 16 de março.

A Nova Maré, também conhecida como “Casinhas da Baixa”, é formada por um conjunto de cerca de 4,5 mil casas, arquitetado pelo Programa Morar Sem Risco, da Secretaria Municipal de Habitação. De acordo com o Censo Maré de 2013, crianças e jovens formam a maioria da população de, aproximadamente, 13 mil habitantes. A faixa etária de zero a 14 anos é responsável por 32,8% da população do local, e os moradores de 15 a 29 anos, por 29,2%.

O perfil aponta o quanto a Nova Maré deveria receber incentivos do poder público, voltados à garantia de espaços e condições ideais para que crianças e jovens desenvolvam sua sociabilidade, redes de convívio e brincadeiras. O “brincar” é um direito de toda criança e jovem. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê o direito a “brincar, praticar esportes e divertir-se”. Mas, na Nova Maré, o que é assegurado por lei não é percebido pela população na prática.

**“Agora a gente brinca em casa mesmo”**

Em meio à suspensão de atividades dos escassos



# Três décadas de lutas pelas Crianças

Estatuto da Criança e do Adolescente completa 30 anos de atuação na garantia da cidadania



DOUGLAS LOPES

Carlos Henrique foi eleito em 2019 como um dos conselheiros tutelares da região da Maré e arredores

## HÉLIO EUCLIDES E THAÍS CAVALCANTE

“...quebra-cabeça, boneca, peteca, botão, pega-pega, papel, papelão. Criança não trabalha, criança dá trabalho...” De uma forma animada, a dupla musical Palavra Cantada interpreta a canção Criança Não Trabalha, de composição de Arnaldo Antunes e Paulo Tatit. A música infantil lembra que trabalhar é coisa para adultos, que a criança tem de brincar, experimentar, bagunçar, riscar e desenhar. As preocupações devem ficar para o futuro. O trabalho infantil é crime, sendo um dos temas encontrados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que, em 2020, completa 30 anos.

Com o papel de guardião da garantia dos direitos e deveres das crianças e dos adolescentes, os conselheiros tutelares são fundamentais nos territórios, na expectativa de melhoria da qualidade de vida. O Conselho Tutelar 1, em Bonsucesso, é o órgão gestor da área que abrange Manguinhos, Cidade Universitária, Bonsucesso e Maré. Os conselheiros recém-empossados são **Carlos Henrique**, Daniel Soares, Jader Fagundes, Maria Elisângela e Rosimere Nascimento. Pela primeira vez, os cinco profissionais do Conselho são oriundos de favela. Esse olhar próximo, a vivência e a bagagem são con-

vertidas num atendimento sensível, de atenção e de uma maior escuta.

O conselheiro Carlos Henrique, mais conhecido como Carlos Marra, é morador do Parque União, uma das 16 favelas da Maré e lembra que todos os direitos e deveres necessários, mencionados na lei devem ser cumpridos. Segundo Marra, o Conselho Tutelar tem de estar alinhado e junto com as redes de proteção, que são as de Saúde, Educação e Assistência Social. Este último reúne o CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) e o CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social). “O conselheiro é esse articulador que vai fazer a ponte para a mediação dos equipamentos e, assim, possibilitar a criação de novas políticas públicas, pensadas a partir das necessidades reais e efetivas dos territórios. Precisamos estar o tempo todo dialogando com as escolas e estudando todas as questões, tipo as vagas para os estudantes e a evasão escolar. Na saúde, acompanhar a campanha da vacinação, a prevenção à gravidez na adolescência, o pré-natal e casos de IST/AIDS”, expõe. O conselheiro tutelar deve manter diálogo com pais ou responsáveis legais, comunidade, poder judiciário e executivo e, principalmente, com as crianças e adolescentes.

Marra avalia que, passados 30 anos, o ECA ainda precisa ser colocado em prática em sua integralidade. Para isso, seria necessário que os profissionais de saúde se apropriassem mais do estatuto, e que o mesmo fosse ensinado na sala de aula, para que crianças e adolescentes pudessem saber de seus direitos. Apesar das dificuldades, o documento é uma política pública, que reafirma e fortalece, de forma necessária, o desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes, que são sujeitos de direitos.

Muitas vezes, as leis deixam de fora as crianças e os adolescentes, contudo, o ECA foi feito para protegê-las e, neste sentido, dialogar e entender quais são as melhores maneiras de atendê-los. “O ECA, mesmo com todos os retrocessos e questões políticas, ainda se mantém existindo e resistindo. Nós, conselheiros, estamos no trabalho de dar respaldo a esta ferramenta, que é muito importante para a sobrevivência das crianças e adolescentes”, finaliza Marra.

O Estatuto surge em 1990, para substituir o Código de Menores, de 1979, que era voltado apenas para crianças e adolescentes em “situação irregular”, associando pobreza à delinquência. O documento é fruto de uma forte mobilização da sociedade civil organizada e representa um novo olhar para os direitos desta parcela da população.

### Garantia de direitos

A garantia de direitos é coletiva, mas quem faz a assistência jurídica integral e gratuita da população é a Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, a qual, antes mes-

“ Apesar das leis contidas no ECA, a proteção às crianças e adolescentes são diferenciadas, no asfalto ainda não é a mesma que na favela.”

### BEATRIZ CUNHA

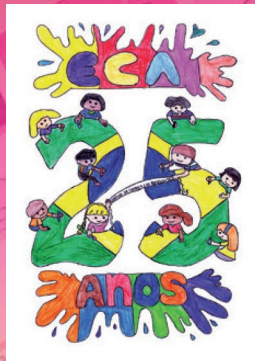
subcoordenadora de Infância e Juventude da Defensoria Pública do Rio



# ECA

## ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE

### EM TIRINHAS PARA CRIANÇAS



**Plenarinho**  
o jeito criança de ser cidadão

**CÂMARA DOS DEPUTADOS**

PLENARINHO LEGBR - CÂMARAS DOS DEPUTADOS

Além da lei, existe uma versão ilustrada do ECA para o público infantil, ambas disponíveis para leitura na internet

mo da pandemia, moveu uma ação civil pública para impedir a violação de direitos nas favelas. Conseguiu a proibição de operações policiais próximas às creches e escolas públicas, nos horários com mais movimentação. Fundamental na vida de crianças e jovens que, frequentemente, têm o seu direito à educação negado por causa da violência cotidiana.

Junto aos desafios enfrentados pelas famílias da Maré neste primeiro semestre, está a adaptação das aulas à distância. **Beatriz Cunha**, subcoordenadora de Infância e Juventude da Defensoria Pública do Rio de Janeiro, acredita que o direito à educação não pode ser deixado de lado nem mesmo em uma pandemia. “O que me chamou a atenção foi a oferta de uma educação virtual na rede pública de ensino para aqueles que estão em situação de pobreza ou não têm pessoas que podem auxiliá-

-los no sentido educacional do conteúdo”, diz.

Cunha garante ainda que, devido ao isolamento social das famílias, aumentaram as demandas de violência doméstica e sexual contra crianças e adolescentes. Outro motivo de muita procura vinda dos moradores de favela foi sobre a falta de acesso à merenda escolar, já que as aulas presenciais continuam suspensas. Questões sociais antes urgentes, agora, borbulham. “Apesar das leis contidas no ECA, a proteção às crianças e adolescentes são diferenciadas, no asfalto ainda não é a mesma que na favela. A grande modificação do ECA é que a proteção integral à criança deve ser oferecida pela sociedade, pelo Estado e pela família”, comenta.

#### Apoio social promove cidadania

Esse fortalecimento de direitos é praticado diariamente pelas organizações

sociais, como o Projeto Uerê, que atende crianças na Maré há 22 anos. Os filhos de **Maria José**, moradora da Nova Holanda, foram beneficiados pelo projeto de diferentes formas. Maria é mãe social, também conhecida como mãe acolhedora. Ela tem dois filhos biológicos e quatro filhas de coração. As crianças, que são irmãs, foram abandonadas e acolhidas por ela, junto ao Conselho Tutelar. Mãe solo teve seu maior apoio no Projeto Uerê, que deu todo o suporte na alimentação e educação das crianças e jovens.

Maria se orgulha da criação dos filhos. Hoje,

adultos, uns estão casados, outros formados. “O projeto é tudo. Ajuda na disciplina, na educação das crianças e apoia as famílias que querem”, conta. A partir da experiência de ser uma mãe acolhedora, ela avalia que, na prática, ainda há obstáculos para a garantia da cidadania: “As leis são difíceis, eu tive essa facilidade, pois tive o projeto para me ajudar. O direito, as crianças têm, mas às vezes não funciona”, conclui.

**Francis Roberta**, assistente social do Projeto Uerê há 19 anos, defende que o trabalho da instituição é de orientação, escuta e conversa. Um laço tão forte como o de uma família. “Trabalhamos as disciplinas regulares, como Inglês, Artes e Música; mas, principalmente, buscamos saber como estão nossas 270 crianças e jovens”, conta. A nova rotina da instituição, com a pandemia, tem sido de aulas remotas e a entrega de cesta básica e kits de higiene todo mês. Por fora, os desenhos dos muros do Projeto alegam a Nova Maré, favela onde a organização tem sua sede. Por dentro, as cadeirinhas coloridas e figuras na parede garantem a decoração para o retorno das atividades infantis, ainda sem data.

#### TODOS PODEM AJUDAR

Quem desejar assegurar a garantia dos direitos de crianças e adolescentes, é só entrar em contato com o Conselho Tutelar que atende toda a Maré.

**Endereço:** Rua da Regeneração, nº 654, Bonsucesso

Atendimento presencial de segunda a sexta-feira, das 10h às 16h.

**E-mail:** conselhodebonsucesso@hotmail.com

**Telefones:** (21) 2573-1013 / 2562-3100 / 97340-1559

**Telefone do Plantão 24h:** (21) 98909-1432



# A luta pela Maré é uma luta feminina

## O direito à água foi conquistado pela força das mulheres da Maré

**BRENO SOUZA E RUTH OSORIO**

Edição: Fred Di Giacomo (data\_label)

Em tempos de precarização e de avanço da covid-19, muito se fala sobre a ausência do poder público nas favelas, garantindo serviços e saúde. Mas, e sobre as estruturas de saneamento que já temos? Na busca por entender o processo de chegada da água no Complexo da Maré, nos deparamos com a história de mulheres fortes e organizadas, lutando pelo acesso à água na Maré dos anos 1980.

“Quando cheguei aqui na Maré, por volta dos anos 1980, tudo era muito precário, e saneamento básico não tinha nenhum. Não tinha calçamento. Quando chovia, nós tínhamos que ir daqui até na Avenida Brasil com um sapato, pra chegar lá e calçar outro sapato, de tanta lama. Logo assim que tava no início da Chapa Rosa, nós começamos a fazer movimentos na luta para conseguir água, esgoto, luz e tudo mais que não tinha aqui”.

Este relato é da **Dona Helena Dias Vicente**, de 70 anos, hoje, aposentada, e uma das diretoras da Redes de Desenvolvimento Maré. Figura ilustre na luta pelo acesso à água potável na Comunidade de Nova Holanda, Helena foi integrante da Chapa Rosa, um coletivo somente de mulheres da Maré, engajadas na luta por uma vida mais digna, em parceria com os moradores. A Chapa Rosa foi a primeira chapa eleita,



FRANCISCO VALDEAN (MUSEU MIM)

Em um dos primeiros registros da Chapa Rosa nos anos 80 é possível ver, no centro da foto, **Eliana Sousa**, liderança local por eleições diretas, para a Associações de Moradores da Nova Holanda, em 1984, num momento marcado pela participação de todos e que mudou completamente os rumos da favela.

Naquela época, Nova Holanda ainda era uma favela de barracos e com seus inúmeros problemas, como relata Dona Helena. Ela foi construída pela Prefeitura para ser um centro de habitação provisório, reunindo moradores removidos das favelas do Pinto e do Esqueleto. Esses moradores eram enviados para Nova Holanda até adquirirem hábitos necessários para sair da favela. “Era uma espécie de Minha Casa Minha Vida, mas com um processo pedagógico forte para inculcar valores. Esse processo de reeducação

de favelas é sempre uma prática do governo: achar que pobres precisam ser reeducados dentro de um modelo burguês de práticas sociais”, conta **Monique Carvalho**, que escreveu uma dissertação sobre as memórias e as mobilizações da Nova Holanda, em 2006.

### Mulheres na linha de frente

O provisório se torna permanente e deixa marcas históricas. Essa história segue viva com Dona Helena, que não esque-

ce das companheiras de luta: “na época, a Eliana [hoje uma das diretoras da Redes da Maré] estava no primeiro mandato da Chapa Rosa, e nós começamos a fazer os mutirões para conseguir água, para conseguir saneamento básico e fazíamos as reuniões na Escola Nova Holanda, onde a gente conseguia colocar numa noite mais de 200 pessoas e dali saíam representantes de cada rua, já com a ideia de ir lá na Cedae, de ir na Prefeitura, de ir aonde pudéssemos, para poder

### DADOS DO SANEAMENTO



**12 milhões de brasileiras** não tinham acesso à água em 2016.



**26,9 milhões de mulheres** vivem hoje sem acesso à coleta de esgoto.



**353,5 mil internações** no SUS e 5 mil óbitos de mulheres decorreram de infecções gastrointestinais, em 2013.



conseguir que eles viessem colocar água. Quando começou o saneamento nos dias de mutirões, dias de domingo, os homens ficavam cavando as ruas, e nós íamos levar lanche, levar água para o pessoal que estava cavando a rua, para poder trazer água. Porque a água só tinha lá perto da Avenida Brasil, onde tinha encanamento. Nas ruas daqui não tinha nenhuma gota de água. A chapa sempre teve uma atuação muito forte com a Eliana à frente, e nós, as outras mulheres, sempre apoiando e ajudando. Eu, Penha, Roseli, Dona Dalva, todas nós apoiando ela nessa luta”, lembra.

“Eu não posso esquecer de falar da Maria Amélia Belfort, que também foi uma grande guerreira nos ajudando. Ela foi uma das iniciadoras da creche, ficava com as crianças para as mães irem trabalhar, o que deu origem à creche comunitária. São muitas coisas que vamos nos lembrando, onde podemos ver um pouco da história vindo à tona”, acrescenta Helena.

Sabemos que o acesso aos serviços de saneamento está longe de ser ideal para todos, mas são as mulheres as que mais sofrem com a precariedade no acesso. Isso porque as mulheres são historicamente responsáveis por buscar água e manter a higiene do lar, e quanto pior o saneamento, mais sobrecarregadas e vulneráveis elas estão. Isso, sem contar o risco de violência sexual (durante os deslocamentos) e doenças. Só em 2016, 12 milhões de brasileiras não tinham sequer o acesso à rede de distribuição de água. Se olharmos para os dados de acesso à coleta de esgoto, a situação é ainda

“A Maré tem a mobilização comunitária como marca. Eu acho que isso é uma característica das favelas, essa união. E, aí, eu arrisco a dizer, como hipótese, que isso é fruto da história, da memória, porque os avós lutaram, os pais lutaram.”

**MONIQUE CARVALHO**, socióloga

DOUGLAS LOPES



Helena Edir, uma das lideranças femininas da Nova Holanda, na Maré, também fez parte da luta pelo acesso à água

mais preocupante: 26,9 milhões de mulheres residem em moradias sem acesso a este serviço, o que representa 25% das mulheres brasileiras. E, ainda, dados do SUS 2013 apontam o registro de 353,5 mil internação e quase 5 mil óbitos de mulheres por infecções gastrointestinais, ligadas ao saneamento básico.

### Na favela, a luta nunca termina

A precarização do saneamento está matando, e isso não é novidade, principalmente, para as mulheres. Olhar para a nossa história é entender que, na favela, para se ter acesso a um serviço, é preciso lutar por ele:

“Ainda que as pessoas não acordem e falem 'hoje eu vou fazer um mutirão, hoje eu vou lutar', o morador precisa de uma coisa urgente. Ele não conta com o Estado, ele sabe que o Estado está muito longe. As formas como eles reagem à exploração do Estado é a organização, coletiva ou individual. Eu acho que a Maré tem a mobilização comunitária como marca. Eu acho que isso é uma característica das favelas, essa união. E, aí, eu arrisco a dizer, como hipótese, que isso é fruto da história, da memória, porque os avós lutaram, os pais lutaram. Ainda

que a história não seja contada recorrentemente, tem uma memória que é ativada ali. Porque a pessoa lembra que teve uma associação de moradores atuante, ainda que tenha uma lembrança saudosa, de um tempo que parecia melhor, em que as pessoas lutavam mais, na minha observação, como socióloga, essa luta nunca acabou”, conclui Monique.

A reflexão é muito importante para todos nós. Ainda que estejamos o tempo todo gritando e lutando por melhores condições de vida e saneamento, é importante que façamos o exercício de pensar nas duras conquistas por água canalizada no território, que, hoje, permitem aos moradores terem água potável sem precisarem ir, de barco, até a Ilha do Fundão ou, a pé, até a Avenida Brasil. Tantas conquistas são motivo de orgulho para Dona Helena: “Olhando assim para trás, hoje eu me sinto orgulhosa de ver o que a gente tem hoje e saber que tudo isso começou com a Chapa Rosa. A própria Redes da Maré é a origem da Chapa Rosa. É um orgulho ver agora, nessa pandemia, tantas buscas e tantas ajudas. Então, sinto muito orgulho de ver que a Chapa Rosa não morreu.”

**data\_labe**

Esta é a primeira reportagem de uma série sobre o direito à água na Maré. Uma parceria entre o data\_labe e o Maré de Notícias.

<sup>1</sup> <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2016-11/falta-de-agua-e-tratamento-de-esgoto-afeta-principalmente-mulheres>

<sup>2</sup> <https://mulheresesaneamento.com>



# Estamos chegando no jogo, lutando para ganhar



## JOELMA SOUSA

Mulher, preta, favelada, cria da favela da Maré, formada pela Escola de Serviço Social - Universidade Federal do Rio de Janeiro, pós-graduanda na Escola Sérgio Arouca - FioCruz ENSP.

**D**urante todo o período de escravismo em nosso país, que se inicia no Século XVI, o escravo negro foi aquele trabalhador presente em todos os ofícios, por mais diversificados que eles fossem. Sua força de trabalho era distribuída em todos os setores de atividade. Isso nos mostra que, durante toda sua existência, a sociedade escravocrata atuou como mecanismo equilibrador e impulsionador do trabalho negro escravo. No final do século XIX, a sociedade brasileira passou por uma reestruturação, adotando o trabalho livre como forma fundamental de atividade. Esse foi um período marcado por um movimento de construção da ideia de inferioridade do negro e da sua incompatibilidade para assumir o trabalho assalariado.

O racismo estrutural é uma característica histórica do nosso país, que afeta as relações de trabalho, desde à contratação até os conflitos judiciais. A iniciativa da Empresa Magazine Luiza, juntamente com o ID\_BR - Instituto de identidades do Brasil, de criarem uma seleção exclusiva para negros nos

cargos de liderança abre possibilidades para a ascensão dessas pessoas no mercado de trabalho, algo importante e fundamental para reparar historicamente as enormes perdas. Pessoas que sempre estiveram à margem dos processos seletivos podem, a partir de experiências, como a do Magazine Luiza, ocupar vagas que sempre foram destinadas ao trabalhador branco, como modelo de qualificação, larga experiência e com a velha e “boa aparência”. Porém, infelizmente, a iniciativa gerou uma enorme repercussão. E não foi boa.

As ações afirmativas nos espaços de trabalho consistem em políticas voltadas para a aceleração de oportunidades, cujo projeto pioneiro realizou-se nos Estados Unidos, em 1964. Esse é um processo conhecido no Brasil pós-escravidão, que implementou a entrada de imigrantes, ofertando políticas de distribuição de terras, aberturas de escolas, pagamentos de passagens etc. O que diferencia é o preconceito de cor, pois as políticas afirmativas eram baseadas na origem dos indivíduos, acreditando-se na existência de uma raça superior, a chamada eugenia, ainda presente no Brasil e fomentada pelo atual Estado brasileiro. Talvez, seja por isso, a indignação de muitos com a iniciativa do Magazine Luiza, vez que o racismo sempre existiu. Segundo estudiosos, o racismo é a essência do capitalismo, pois, quando se fala em emprego para os negros, toma-se por referência o subemprego,

a precarização, o desemprego e a desigualdade salarial. Dados do IBGE revelam que 76% dos negros brasileiros têm a renda mais baixa do país.

A sociedade em que vivemos é marcada por um sistema de opressão da população negra, edificado na dinâmica da escravidão. Temos vivido num mundo e num sistema que não é feito para nós, pretos, que não nos deixam ganhar. O que nos resta é a luta pela sobrevivência, e, em muitos casos, a morte. Além do desemprego e do subemprego, o racismo tem-nos esmagado e assassinado nossos corpos todos os dias, horas, minutos e segundos. Clóvis Moura já nos chamava a atenção sobre a herança da escravidão, cuja herança não está no corpo negro, mas sim, na consciência da classe dominante, criadora de valores discriminatórios, para impossibilitar o negro de ascender seja no nível econômico, social, cultural ou existencial. Clóvis reclamava, também, a emergência de uma consciência negra crítica.

Temos lutado pela garantia dos nossos direi-

tos dia após dia, tivemos grandes avanços com a conquista das ações afirmativas nas Universidades públicas, na primeira década dos anos 2000. Espaços, antes, reservados para os brancos considerados gênios, agora, ocupados por nós, negros, pardos e indígenas. Estamos proporcionando um crescimento teórico e metodológico nesses espaços, pois as discussões ficaram muito mais acessíveis, com estudos que trazem dados sobre a importância da nossa inserção nas Universidades, e avançado para discussões acerca dos espaços de trabalhos e de lideranças. A Casa Preta da Maré propõe implantar discussões sobre as questões raciais e suas intersecções com questões de gênero e de outros temas, no território da Maré, desenvolvendo ações culturais e de cunho formativo, que proporcionem mudanças políticas e sociais para homens e mulheres negras, de forma a contribuir para eliminar a forte combinação existente entre gênero, raça e pobreza na sociedade brasileira. Afinal, somos geniais e brilhantes!



Há um ano, a Casa Preta promovia a roda de conversa com Maria Vitória e Helena Edir



# Literatura Comunica

Projeto reuniu relatos de pessoas do mundo inteiro, em isolamento, incluindo doze autores da Maré



a vez do morador da Vila do João, **Pablo Marcelino**, que participa do Literatura Comunica desde 2018. Pelo projeto, já teve artigos de opinião publicados e participou de uma troca dos diários de Carolina de Jesus em Luanda, capital de Angola, na África. Ele, que também teve textos publicados no Jornal Voz das Comunidades, conta pelo *Diário de Emergência Covid-19* como está sendo passar pela pandemia na Maré. “No momento que parei para escrever eu pensei a seguinte coisa: “o que está me incomodando?”, “o que está preso?”, “qual recado eu quero passar para a nossa população em um momento tão delicado como esse que está sendo a pandemia? Fazer parte do processo de escrita do Diários de Quarentena foi mais uma das formas que encontrei de manifestar uma série de reflexões e sentimentos, no final, que notei que precisavam serem externalizados,” diz o autor.

## DANIELE MOURA

Ela começou fazendo contações de histórias e promovendo outras atividades de comunicação popular em 2013 nas favelas da Maré e de Cerro Corá, no Rio de Janeiro. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, **Miriane Peregrino** morou por 2 anos na Vila dos Pinheiros, na Maré, e durante aquele período, junto com Anísio Borba e Carlos Gonçalves, criou um jornal literário – Literatura Comunica – sobre as rodas de leituras, emergentes em vários lugares do país, inclusive, na Maré.

A segunda publicação do projeto relata rodas de leitura no exterior e conta com a participação de alunos do projeto na Maré, que estavam fora do país. A pandemia atrapalhou o terceiro número, sobre Poesia falada, mas aí surgiu a ideia de convidar alguns amigos para fazer parte do Diário de Emergência Covid-19. A inspiração veio de três livros, cujos conteúdos, de alguma forma, também, retratam o isolamento: *Diário de um Hospício*, de Lima Barre-

to; *O diário de Anne Frank*, de Anne Frank, e *Quarto de Despejo*, de Carolina de Jesus.


Miriane também fez uma chamada nas redes sociais e recebeu um grande volume de escritos, transformados em três números especiais: *Brasileiro no exterior*, uma coletânea de 15 autores, um deles, morador da Maré – Bárbara Horrana, atualmente, em intercâmbio no Colorado, nos Estados Unidos –; *Brasil, Norte a Sul*, com 21 autores, sendo Isadora Gran – uma das poetisas do Slam

Maré Cheia – representante da Maré – e *Rio de Janeiro*, 27 autores, sendo 10, moradores da Maré.

As publicações estão disponíveis na *internet*, mas, a partir desta edição, você poderá ler aqui também no Maré de Notícias. Todo mês, publicaremos um diário dos 12 autores da Maré – nascidos, criados ou com uma forte relação afetiva.

Neste mês de outubro é

**VOCÊ PODE ACESSAR O SITE E LER TODAS AS PUBLICAÇÕES**  
[https://issuu.com/literaturacomunica/docs/jornal\\_literatura\\_comunica\\_275x317](https://issuu.com/literaturacomunica/docs/jornal_literatura_comunica_275x317)



**16 de julho de 2020**

Eu costumo ter um ritual que é todo final de ano colocar metas em um papel. E foi assim que terminei 2019, com objetivos claros para 2020. O ano ainda tá acontecendo. Mas o interessante disso é notar que não adianta corrermos contra o tempo. É um período para entendermos que embora temos uma boa autonomia, não somos nós que controlamos totalmente o fluxo das coisas.


**PABLO MARCELINO**  
 Maré, Rio de Janeiro-RJ

**Rio de Janeiro #14**

**Diários de Emergência COVID-19**

COVID-19 EMERGENCY DIARIES  
 RIO DE JANEIRO

literaturacomunica | literaturacomun



Pablo Marcelino é cria da Maré, Rio de Janeiro. Tem formação em Teatro pelo projeto Entre Lugares Maré. Desde 2018 é Colunista do Voz das Comunidades.



# Delícias que cabem no bolso

Quantas vezes não ouvimos que não devemos pular o café da manhã porque ele é a refeição mais importante do dia? É muito importante estar bem alimentado durante a manhã para render no trabalho e nos estudos. E que tal começar o dia comendo uma panqueca de banana?

## PANQUECA DE BANANA COM AVEIA

### Ingredientes:

- 5 colheres (sopa) de farinha de aveia
- 1 banana madura
- ¼ de colher de chá de fermento em pó
- 4 colheres (sopa) de leite
- 2 ovos
- Canela a gosto

### Preparo:

1. Misture a farinha de aveia, o fermento, o leite, os ovos e a canela em um recipiente.
2. Amasse a banana com um garfo e adicione à mistura.
3. Coloque um pouco de manteiga em uma frigideira no fogo baixo e adicione a mistura.
4. Frite a massa dos dois lados e, quando a massa estiver do seu gosto, retire do fogo.

## SUDOKU

Preencha os espaços vazios com algarismos de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir nas linhas verticais e horizontais, nem nos quadrados menores (3x3).

© Revistas COQUETEL

www.coquetel.com.br

1								4
	8		3	6		2		
			5	2				
	2	7				6	8	
	4	9				5	1	
			2	1				
	3		9	8			5	
7								9

Solução

6	3	2	5	9	4	8	1	7
1	5	4	7	6	9	3	2	8
9	7	8	1	3	2	5	6	4
7	1	5	3	2	9	6	4	8
2	4	7	6	5	8	1	9	3
3	8	4	6	9	7	1	2	5
8	6	9	4	2	1	7	9	3
5	8	4	3	1	6	7	2	9
4	9	3	6	8	7	5	2	1

Sudoku  
O MELHOR DO BRASIL

COQUETEL

www.coquetel.com.br

	1		5		2		3	
5								9
			9		3			
9	3					6		4
6	7					1		8
			3		1			
8								7
	5		4		8		1	

CONEXÃO SAÚDE  
DE OLHO NA COVID  
NA MARÉ!

ISOLAMENTO SEGURO

## TÁ COM COVID OU CONHECE ALGUÉM QUE ESTEJA?

Uma equipe pode orientar sobre isolamento seguro e oferecer insumos para a recuperação.

Mais informações? Mande um zap para **99924-6462**.

**O ATENDIMENTO É GRATUITO!**

E lembre-se: a pandemia não acabou! Evite aglomerações, lave bem as mãos e use máscara.

Acompanhe o **Maré de Notícias** na internet!

@maredenoticiasoficial

@maredenoticias

@MareNoticias

(21) 97271-9410

contato@maredenoticias.com.br

www.mareonline.com.br